

A realidade psíquica da criança nas produções de desenhos em processo psicoterápico infantil

Lara Monteiro Galvão

Brasília-DF

Dezembro de 2023

LARA MONTEIRO GALVÃO

A realidade psíquica da criança nas produções de desenhos em processo psicoterápico infantil

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília – CEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Psicologia. Área de concentração: Psicologia Clínica.

Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas Cerqueira.

Brasília-DF

Dezembro de 2023

Folha de Avaliação

Autora: Lara Monteiro Galvão

**Título: A realidade psíquica da criança nas produções de desenhos em processo
psicoterápico infantil**

Banca Examinadora:

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB

Orientadora

Profa. Dra. Tânia Inessa Martins de Resende – CEUB

Examinadora

Profa. Me. Lívia Campos Silva – CEUB

Examinadora

Brasília-DF

Dezembro de 2023

Agradecimentos

À minha família, por me ensinarem o sentido de parceria e união. Em especial, aos meus pais Ricardo e Luciene e ao meu irmão Leonardo, por me acompanharem nesse percurso. Obrigada por acreditarem no sentido algum que isso deve fazer.

À Aurea Chagas, minha orientadora, pelo trabalho tão dedicado e pela ajuda em sustentar esse projeto.

Às minhas amigadas, Luíza, Heloísa, Gisele e Vanessa e tantos outros, por me toparem nas felicidades e tristezas.

Aos meus professores e supervisores, Lívia Campos, Guilherme Henderson e Juliano Lagoas, por me apresentarem a psicanálise.

Ao Gilthom, meu amor, pelo amparo e pelas palavras na medida e no tempo delas.

À Fernanda, minha analista, por me acompanhar na elaboração desta e outras coisas.

Ao terreno, nem tão fértil, mas cultivado.

*No Pantanal ninguém pode passar régua.
Sobremuito quando chove. A régua é existidura
de limite. E o Pantanal não tem limites.*

*O mundo foi renovado, durante as noites, com
as chuvas. Sai garoto pelo piquete com o olho
de descobrir.*

*Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas,
sem nome, sem esquina.*

Manoel de Barros.

SUMÁRIO

Resumo	3
Abstract	4
Introdução	5
Capítulo 1 – Fundamentação teórica	7
A psicoterapia psicanalítica de crianças	7
O brincar na Psicanálise infantil	10
O desenho: reflexões a partir da Psicanálise	12
Capítulo 2 – Metodologia	16
Participantes	16
Procedimentos de construção e análise do material de estudo	17
Capítulo 3 – Resultados e Discussão	19
Considerações finais	35
Referências	37
Anexos	
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsáveis Legais	
Anexo 2 – Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura	
Anexo 3 – Parecer CEP/CEUB	

Resumo

Partindo de uma abordagem qualitativa, e de aportes teóricos psicanalíticos, este trabalho visou analisar prontuários de crianças em atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica, numa Clínica-escola de Psicologia, em Brasília-DF, com foco em suas produções gráficas (desenhos). O estudo teve como finalidade uma melhor compreensão da contribuição dos desenhos no atendimento clínico infantil, assim como dos desdobramentos sobre a realidade psíquica da criança, proporcionados por esse recurso técnico. Foi utilizada a metodologia de Análise de conteúdo (Bardin, 1977) para a análise dos resultados. Os resultados mostraram importantes contribuições para a leitura dos casos, por meio dos conteúdos representados em cada desenho, uma vez que as ilustrações abarcam não só o pensamento manifesto da criança, mas também algo do que tange ao seu conteúdo latente inconsciente.

Palavras-chave: Realidade psíquica; Crianças; Desenhos infantis; Processo Psicoterápico; Psicanálise.

Abstract

Starting from a qualitative approach, and psychoanalytic theoretical contributions, this work aimed to analyze medical records of children receiving psychoanalytically oriented psychotherapeutic care, in a Psychology school clinic, in Brasília-DF, focusing on their graphic productions (drawings). The purpose of the study was to better understand the contribution of drawings to children's clinical care, as well as the developments on the child's psychic reality, provided by this technical resource. The Content Analysis methodology (Bardin, 1977) was used to analyze the results. The results showed important contributions to the reading of the cases through the content represented in each drawing, since the illustrations encompass not only the child's manifest thought, but also something related to their unconscious latent content.

Keywords: Psychic reality; Children; Children drawings; Psychotherapeutic Process; Psychoanalysis.

Introdução

Tendo como ponto de partida o interesse da pesquisadora pela clínica psicanalítica infantil e as ferramentas alternativas que foram sendo desenvolvidas, desde as contribuições de Freud até as publicações atuais, para fins de atendimento, optou-se por discutir neste estudo a respeito do trabalho realizado com o uso do desenho infantil em processos psicoterápicos de orientação psicanalítica, realizados em uma clínica-escola universitária, em Brasília-DF.

A partir da curiosidade em observar a antiguidade da representação gráfica e as marcas que existem registradas na história da humanidade como formas de expressão e comunicação dos seres humanos, desde a arte rupestre até a pintura contemporânea, pretende-se compreender o lugar do simbólico imerso nessa atividade. Dessa forma, o desenho traz uma contribuição fundamental para a história da humanidade, uma vez que possibilita, conforme pontua Girardi (2014), a estruturação do seu “eu”, ao fazer tornar visível o que era invisível.

Dessa maneira, visando focar a atenção sobre o desenho, enquanto ferramenta clínica em atendimentos psicológicos à criança, e utilizando a oportunidade de estudo que é possibilitada pelo acesso aos materiais gráficos produzidos em contexto de atendimento psicoterápico na clínica-escola na qual a pesquisadora está inserida, este trabalho busca aprofundar o conhecimento sobre o uso do desenho como meio de expressão de conteúdos inconscientes e da dinâmica psíquica do sujeito.

Leituras psicanalíticas sobre o psiquismo infantil, bem como o interesse em aprofundamento desta temática, conduzem a uma questão: Em que medida os desenhos, realizados em processo psicoterápico infantil, podem possibilitar o entendimento da realidade psíquica da criança?

A partir dessa questão, este trabalho tem como objetivo investigar, a partir do aporte teórico psicanalítico, como as produções de desenhos, realizadas em processo psicoterápico de crianças, podem ser meios possibilitadores da compreensão da realidade psíquica desses

indivíduos. Além disso, busca-se compreender o uso de desenhos em processo de psicoterapia infantil, assim como o brincar como recurso terapêutico na prática clínica psicanalítica e sua relação com as produções de desenhos de crianças.

À luz desses objetivos, este trabalho se justifica em função da relevância da compreensão do tema no contexto da grande demanda atual por atendimentos infantis, em virtude de queixas escolares, dificuldades de adaptação social, agressividade, problemas no desenvolvimento, dentre outros. Nesse sentido, este estudo traz à luz um conhecimento mais aprofundado acerca do manejo clínico de algumas das ferramentas utilizadas no processo de atendimento infantil, favorecendo que o analista possa dispor de diferentes recursos e informações sobre a criança, viabilizando que o processo de análise possa ser conduzido com a contribuição de elementos apresentados nos desenhos produzidos por ela. Além disso, espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para uma ampliação da compreensão acerca do infantil e de suas manifestações.

Diante do exposto, este trabalho está dividido em 3 capítulos, sendo iniciado com o Capítulo 1, composto pela fundamentação teórica, onde se discorre acerca da história da psicoterapia psicanalítica infantil até um aprofundamento sobre o desenho a partir das reflexões da psicanálise. Já no Capítulo 2 são apresentados os termos da metodologia da pesquisa e, por fim, no Capítulo 3, são apresentados os resultados e a discussão, com o auxílio de alguns dos desenhos analisados.

Capítulo 1

Fundamentação Teórica

1. A psicoterapia psicanalítica de crianças

Como ponto de partida deste estudo, optou-se por conceituar e aprofundar, neste primeiro capítulo, a história da prática do atendimento psicológico infantil de orientação psicanalítica. A psicoterapia infantil, como tal, destaca-se como uma forma de intervenção psicológica que tem por objetivo atender as diversas questões que podem interferir no dia a dia da criança e porventura serem geradoras de estresse emocional. Muitos são os fatores que interferem nessa intervenção, tais como a participação familiar e escolar e, com isso, a forma como a criança se relaciona neste contexto (Deakin e Nunes, 2008).

No tocante à psicanálise, a psicoterapia psicanalítica infantil pode ser compreendida como uma forma de tratamento interpretativo que se ampara nas concepções teóricas da psicanálise. A psicanálise, enquanto teoria, se inicia com as contribuições de Freud com foco no atendimento de adultos e só posteriormente é que se desenvolve o interesse pela análise infantil, justamente por compreender que as causas de muitos transtornos vivenciados por adultos se dão no período de sua infância (Aberastury, 1992).

Foi por meio das observações que fez de seu neto Ernest, ao brincar com uma espécie de carretel, que Freud levantou a questão da possibilidade de que a criança elaborasse, por meio da atividade da brincadeira, as suas próprias angústias (Kern e Strümer, 2017). Nesse caso, em específico, o carretel ocupava o lugar simbólico da mãe dessa criança e, por intermédio dessa brincadeira, a criança podia ter o controle de aproximá-la e afastá-la, utilizando, desta maneira, a brincadeira como recurso frente à impotência da separação real da mãe e a vivência de sua angústia. Em suas observações, Freud discorre:

“Esse bom menino, contudo, tinha um hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe, para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los quase sempre dava um bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado “o-o-o-”, acompanhado por expressão de interesse e satisfação (...) O que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo “o-o-o-ó”. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre “da” (ali). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno.” (Freud, 1920).

Não à toa, a partir dessa observação, Freud inicia o interesse, por assim dizer, pelo entendimento do brincar infantil, tendo em vista que a temática infantil não havia sido o foco de seus estudos até aquele momento. Portanto, em 1909, Freud confirma algumas de suas hipóteses com o tratamento do famoso caso do pequeno menino Hans (Freud, 1920). Vale pontuar que, mesmo que nesse caso a intervenção tenha se dado de forma indireta por Freud, pois foi de fato realizada pelo pai de Hans, com a orientação de Freud, compreende-se, ainda assim, que se deve a Freud o reconhecimento da importância dos dinamismos psíquicos da criança, conforme afirma Zimmerman (2004).

A partir da compreensão de que seriam necessárias várias adaptações na técnica de atendimento, pelo motivo de se entender que a criança não domina o relato verbal tal como um adulto e, portanto, não tornando possível a utilização da máxima psicanalítica, a associação livre, Freud chega a pensar, inicialmente, em formas possibilitadoras de acesso ao inconsciente infantil (Aberastury, 1992). Neste cenário, após alguns anos, psicanalistas como Anna Freud e Melanie Klein dão continuidade, pela primeira vez, a estes estudos, possibilitando, desta maneira, o desenvolvimento da técnica psicanalítica infantil.

Também é importante lembrar da contribuição de Hermine von Hug-Hellmuth que foi considerada a primeira psicanalista a analisar crianças, de forma sistemática, nessa vertente. Baseada nos preceitos de Freud, Hermine levantou importantes questões, como a preocupação com o manejo do terapeuta nas sessões, atentando-se muito para que não houvesse ações

invasivas por parte do analista em suas interpretações. Dessa forma, já utilizava o brincar como um instrumento clínico, considerando-o como um recurso simbólico de grande importância e com poder de contribuição para a remissão dos sintomas (Avellar, 2004).

Dando prosseguimento, Anna Freud entra em cena retomando muitas das ideias de sua antecessora e introduzindo suas novas contribuições, sendo uma das mais importantes a visão do caráter educativo e pedagógico do atendimento psicoterápico. Anna Freud pontuava sobre a impossibilidade de atender crianças muito pequenas e defendia que é preciso tempo para que o sujeito aceite o tratamento e, com isso, suas dificuldades. Outro aspecto de importância no manejo clínico dessa autora se encontra no fato de que, em suas sessões, não chegou a dar ênfase à atividade lúdica e a sua interpretação, se mantendo no uso da interpretação dos sonhos e de desenhos (Avellar, 2004).

Em contrapartida, adentramos as concepções teóricas de Melanie Klein que introduziu novos conceitos e, portanto, deixou grande impacto nas obras relativas à psicanálise de crianças. Em sua prática clínica se utilizava bastante do brinquedo como forma de acesso ao inconsciente da criança, com isso interpretou de forma mais profunda o material que era trazido pela criança durante as sessões, dando valor ao jogo. Klein defendia que o brincar infantil era, de certa forma, similar às associações livres dos adultos, afirmando que os adultos falam e associam, enquanto as crianças brincam e trazem à tona seus conflitos, ansiedades e fantasias e, portanto, através da instauração da transferência entre analista e analisando, esse material seria passível de interpretação (Kern e Strümer, 2017).

Durante um bom período de tempo, as ideias de Anna Freud e Melanie Klein ocuparam lugar de predominância. No entanto, com o passar do tempo, nota-se a inserção em campo das ideias de Donald Winnicott, um renomado pediatra e psicanalista, que, por contribuição de sua vivência com crianças e o acompanhamento de seus processos de desenvolvimento, desenvolve estudos nesta temática. A obra de Winnicott enfatiza em diversos momentos a utilização do

jogo como elemento essencial para o trabalho analítico (Avellar, 2004). Nesse sentido, compreende a atividade lúdica como meio possibilitador de a criança se expressar livremente e assim, constituir e fortalecer seu *self*. Ainda assim, Winnicott teceu algumas críticas a psicanalistas que focavam mais atenção ao conteúdo da brincadeira do que em, de fato, observar a criança brincando no *setting* analítico (Avellar, 2004).

Em suma, ao se olhar para a inserção da psicanálise infantil no contexto brasileiro, observa-se muita influência associada a demandas do campo da Educação e da Saúde, uma vez que essas ideias são muito solicitadas na busca por solucionar problemas escolares ou mesmo para o amparo no tratamento de transtornos emocionais (Abrão, 2009). É nesse sentido que se compreende a importância do estudo acerca do método clínico psicanalítico em operar com os processos inconscientes e, diante disso, a emergência da necessidade de reconhecer as particularidades do trabalho com crianças e o que ele pode nos revelar.

2. O brincar na Psicanálise infantil

Pode-se dizer que a brincadeira é, sobretudo, a principal forma de expressão realizada na infância e, ainda assim, é uma atividade que tem o poder de estabelecer a criança como um sujeito cultural. De acordo com o que diz Piaget (1990), o fenômeno lúdico está diretamente relacionado ao desenvolvimento e, para ele, a criança necessita brincar para aprender (Leite, 2011). É nesse sentido que a imersão da criança em ambientes que proporcionem a exploração desses recursos lúdicos oferece ao indivíduo a possibilidade de realização de seus desejos e a descoberta das realidades ao seu redor.

Dessa maneira, no campo da psicanálise infantil, uma das especificidades do atendimento analítico se refere justamente ao uso do brincar como estratégia para a realização do processo terapêutico. Partindo da compreensão acerca da teoria proposta por Winnicott, o brincar é o portão de entrada para o inconsciente, sendo esse essencialmente criativo e um meio

que a criança e o analista encontram como acesso ao inconsciente (Winnicott, 1975). Ainda assim, conforme afirma Reghelin (2008), entende-se que a criança traz para a brincadeira as circunstâncias de sua realidade externa.

Portanto, partindo desse entendimento, é importante considerar, que esse movimento da brincadeira, o do “fazer de conta”, ocupa a função de estímulo para a elaboração da fase transitória do mundo interno, subjetivo e suas fantasias para o mundo objetivo e externo, sendo então de grande importância para o desenvolvimento infantil. Winnicott (1975) contribuiu ainda ao dizer que o brincar é uma forma básica de viver, universal e própria da saúde que influencia no crescimento e nos relacionamentos grupais. Dessa forma, compreende que este fenômeno surge no contexto da relação da mãe e do bebê, sendo uma forma primária de instinto.

Em sua prática clínica, Winnicott (1975) preferia ofertar vários brinquedos de forma livre, deixando que a criança os escolhesse e em seus atendimentos fazia poucas interpretações, reservando estas apenas quando era estabelecida a transferência positiva. Vale destacar uma importante possibilidade que Winnicott traz para os seus atendimentos. E, em suas adaptações da técnica, o autor criou o conhecido Jogo do Rabisco, utilizando-o como estratégia para o estabelecimento da comunicação nas primeiras sessões. Conforme o mesmo relata, o Jogo do Rabisco consiste em entregar uma folha de papel à criança, fazer nela um rabisco e solicitar que a criança transforme o rabisco em um desenho e, ao final dessa etapa, invertem-se os papéis. O intuito dessa atividade consiste em uma apresentação entre analista e analisando, possibilitando um diálogo sobre as questões trazidas pela criança. Dessa maneira, o Jogo do Rabisco foi muito utilizado para alcançar, no mínimo, três finalidades, tais como a comunicação entre as duas pessoas envolvidas no processo terapêutico, instrumento de apoio ao diagnóstico e recurso terapêutico.

Tais considerações trazem à luz o interesse pela compreensão das atividades lúdicas e gráficas no contexto da psicanálise de crianças, como instrumentos de trabalho mediadores de acesso ao inconsciente da criança.

3. O desenho: reflexões a partir da Psicanálise

Conforme diz Miranda (2012), o desenho é considerado uma das formas de comunicação mais remota dentre os seres humanos e ainda assim, o desenho persiste no tempo, transmitindo muitas informações. Refletindo a partir desse ponto, cabe ressaltar a questão do simbólico que está imersa no desenho, pois conforme destacou Lévi-Strauss (2017), utilizando a compreensão acerca dos mitos, os símbolos presentes nos desenhos podem ser entendidos como uma tentativa de organização simbólica de uma cultura, chegando a influenciar diretamente no comportamento dos indivíduos e em suas relações sociais.

Para explorar a temática das representações gráficas, optou-se por trazer também neste trabalho as contribuições teóricas dos estudos da pediatra e psicanalista francesa Françoise Dolto (1948), que foi a responsável por revolucionar ainda mais a clínica com crianças. Dolto se interessou e se apoiou no recurso do desenho livre e desenvolveu sua própria teoria, tomando o desenho como meio revelador das questões mais profundas do inconsciente do sujeito (Ledoux, 1995). Dolto classificou o desenho como um “... autorretrato do inconsciente, que nos permite ver como o sujeito se sente em relação ao objeto que ele quer desenhar, sendo este objeto, de certo modo, uma projeção de si mesmo” (Dolto, 1948).

Diante disso, Dolto reitera que é preciso, durante o processo de atendimento, fazer com que o desenho “fale” e isso não significa adivinhar o que está contido no desenho e sim tentar tornar compreensível e possível que a criança, o próprio autor, se apresente por meio dessa produção. Um dos entendimentos mais preciosos obtidos por meio das leituras de Dolto é a do que é possível de ser lido, compreendido num desenho infantil e com isso essa autora vai dizer

que “um desenho é mais que o equivalente de um sonho, é em si mesmo um sonho ou, caso prefira, uma fantasia viva” (Dolto e Nasio, 1995).

Usando como referência a dissertação de mestrado da psicanalista Flávia de Toledo (2019), onde a autora usa como exemplo o livro infantil ‘Le petit prince’, de Antoine de Saint-Exupéry (2015), para aprofundar sobre o tema do desenho, destaca-se aqui o exemplo sobre o desenho da 'Jibóia, ao engolir uma presa':



Figura 1: Desenho da Jibóia dormindo, ao engolir uma presa

Fonte: internet (acesso em Google em 15/05/2023)

Ao refletir sobre esse desenho, pode-se pensar sobre a prática clínica com crianças e compreender de melhor maneira o que foi supracitado. Portanto, partindo da premissa de que é preciso, ao se deparar com um desenho feito, permitir que este ‘fale’, por meio da voz de quem o fez, utiliza-se a fala do Pequeno Príncipe, ao apresentar sua produção a outras pessoas. Após tomar conhecimento de que as jibóias podiam ficar cerca de meses dormindo depois de engolirem uma presa muito grande, o menino fica embasbacado e ilustra isso em um de seus desenhos. Com isso, ao apresentar esse desenho para os adultos, os mesmos perguntam a ele sobre qual o tipo de medo se provocaria ao se deparar com o desenho de um chapéu.

Adentrando este ponto, pode-se compreender o desenho, os jogos ou mesmo os sonhos como uma forma de linguagem cifrada que vai requerer, num contexto de atendimento psicoterápico, por parte do analista, uma postura de observação que viabilize o desenvolvimento dos processos de decifração. É importante ressaltar que, ao explorar as produções gráficas, conforme aponta Rodolfo (2006), em uma retomada de trabalhos psicanalíticos que discutem sobre o tema em questão, se torna necessária a insistência na fala

do sujeito que o produz, contrapondo, dessa forma, a ideia de que a imagem, por si só e em toda a sua complexidade, é impossível de ser trazida em palavras (Comerlato, 2018).

Mais especificamente sobre o uso das técnicas projetivas no campo da psicologia, o seu início foi marcado entre os anos de 1920 e 1930 (Anzieu, 1996). Um dos primeiros testes psicológicos, com o objetivo de avaliar o nível mental dos indivíduos, foi o Teste de Goodenough, desenvolvido no ano de 1926. Com certo tempo de utilização, verificou-se que os desenhos realizados nesse teste em específico também contribuía com indicações de traços de personalidade. É diante desse cenário que psicólogos como Machover e Buck (como citado em Sacramento, 2018) desenvolveram outras técnicas projetivas para fins de estudo da personalidade, produzindo, respectivamente, o Teste do Desenho da Figura Humana e o Teste HTP (do inglês, *House, Tree, Person*). Encontra-se, ainda hoje, uma gama de referências de testes psicológicos que se utilizam de recursos gráficos, que são amplamente utilizados na prática clínica, uma vez que contribuem no quesito da economia de tempo, contribuições ofertadas e facilidade de aplicação (Sacramento, 2018).

Compreende-se então que a produção de desenhos é frequentemente requerida em processos psicoterápicos adultos e infantis. O uso é ainda mais recorrente em atendimentos realizados em clínicas-escola, onde o tempo de atendimento é, em sua maioria, reduzido, tendo em vista a rotatividade dos estudantes que integram o processo no papel de futuros analistas. Portanto, os desenhos possibilitam a obtenção de uma maior compreensão a respeito do psiquismo de seus pacientes, através da análise sobre as imagens produzidas que podem ser um recurso para o conhecimento das imagens internas de quem as produz (Sacramento, 2018).

Capítulo 2

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada a partir de um enfoque qualitativo, orientada pelo método da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). A pesquisa qualitativa é, de acordo com Turato (2005), caracterizada pela empiria e sistematização progressiva de determinado conhecimento, até que seja possível alcançar uma compreensão lógica do processo estudado. Neste sentido, a abordagem qualitativa volta-se para a elucidação e para o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade humana.

A Análise de Conteúdo pode ser compreendida como um conjunto de técnicas que tem por finalidade a descrição dos conteúdos emitidos dentro de um processo de comunicação, sejam eles por meio de falas ou textos. No caso deste estudo, o foco recai sobre as representações gráficas infantis. Desta maneira, tem como foco a qualificação das vivências do sujeito, suas formas de expressão, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos (Bardin, 1977).

Nesse sentido, operacionalmente, a Análise de Conteúdo se desdobra em algumas etapas próprias, tais como a pré-análise do conteúdo, a exploração do material ou a codificação e, por fim, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação (Minayo, 2007).

Participantes

Este estudo foi realizado a partir da análise de prontuários psicológicos de crianças, na faixa etária entre 6 e 8 anos de idade, que se encontravam em atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica, no ano de 2023, na Clínica-Escola de Atendimento Comunitário do Centro Universitário de Brasília – CEUB (Centro de Formação de Psicólogos – CENFOR/CEUB).

A utilização de prontuários para fins de pesquisas científicas tem amparo na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e conformidade com as orientações contidas na Carta Circular nº 006/2019 do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEUB, a qual descreve informações e orientações para pesquisas com Prontuários.

Reitera-se que todos os responsáveis por pacientes crianças que se encontram em atendimento psicoterápico no CENFOR estão cientes da possível utilização dos prontuários, para fins de pesquisas e estudos científicos, uma vez que assinam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para responsáveis legais - TCLE (Anexo 1), quando da entrada da criança no processo psicoterápico.

Procedimentos de construção e análise do material de estudo

Após aprovação desta pesquisa pelo CEP-CEUB, assim como aceite pela Supervisora geral do CENFOR/CEUB, no Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura (Anexo 2), como primeira etapa, a pesquisadora assistente, em conjunto com a pesquisadora responsável, analisaram as produções de desenhos constantes em 20 prontuários de crianças que se encontravam em atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica. Para essa primeira análise, e com o objetivo de selecionar, dentre os 20, os 5 prontuários que seriam o objeto deste estudo, foram observados os seguintes critérios: prontuários cujos TCLEs haviam sido devidamente assinados pelos respectivos responsáveis e prontuários que contemplassem as produções mais compatíveis com os requisitos da temática deste estudo, especialmente aqueles com maior quantidade de desenhos e aqueles cujos desenhos permitissem melhor possibilidade de análise mais profunda.

O processo de análise de resultados foi realizado por meio da metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (1977), a qual se caracteriza pela possibilidade de se conhecer o que é expresso e manifesto e o que se encontra encoberto, por trás desse conteúdo manifesto, ou seja,

a simbologia e a história que compõem aquilo que é apresentado, que é possível enxergar a olho nu. De acordo com as contribuições dessa metodologia, o processo de análise dos resultados foi dividido em três fases distintas: fase de organização, fase de codificação e, por fim, fase de categorização.

Num primeiro momento, foi realizada uma verificação e junção dos materiais gráficos contidos nos 5 prontuários selecionados para análise. Portanto, nessa etapa foram organizados os desenhos disponíveis.

Logo após, o estudo seguiu na direção da codificação, conforme orientado por Bardin (1977), com a finalidade de avaliar as produções gráficas que traziam maiores contribuições para análise e discussão, com apoio do aporte teórico da psicanálise.

Por fim, na fase de categorização, foi realizada uma análise minuciosa dos desenhos constantes dos cinco prontuários selecionados. Os desenhos foram analisados sobretudo quanto aos aspectos de formas, cores, tamanhos, possíveis significações inconscientes e outros que possibilitassem melhor compreensão acerca da realidade psíquica da criança. Os desenhos também foram fotografados pelas pesquisadoras, garantindo-se a não identificação dos respectivos autores e o sigilo das informações correspondentes, a fim de possibilitar uma análise mais fidedigna e a ilustração das análises realizadas. Por fim, vale sublinhar que não houve participação da pesquisadora no processo psicoterápico das crianças participantes deste estudo.

À luz das contribuições da teoria psicanalítica, foram discutidos os pontos de atenção e as possibilidades que cada desenho oferecia para a compreensão acerca da realidade psíquica das crianças autoras dos desenhos.

Capítulo 3

Resultados e Discussão

A fim de verificar e discutir sobre como os desenhos analisados podem contribuir para a compreensão acerca da realidade psíquica da criança e até mesmo se relacionar com as queixas levantadas no decorrer do processo psicoterápico, optou-se, neste trabalho, por elencar as seguintes categorias de análise, a partir dos principais pontos abordados nas sessões lúdicas com as crianças, a saber: 1) vínculos afetivos e agressividade; 2) angústia e separação; 3) ambiente e autoridade e 4) a expressão da sexualidade infantil. Desta maneira, os desenhos foram discutidos de acordo com as categorias antepostas. Diante desse prisma, foram exploradas as mais variadas formas que permitem, por vezes, o entendimento acerca da realidade psíquica da criança em conjunto com os seus relatos e as observações do terapeuta, uma vez que o desenho consiste num dos meios mais expressivos da criança. Visando à preservação da identidade dos participantes, todos os nomes indicados neste capítulo são fictícios.

Conforme exposto anteriormente, os desenhos analisados neste trabalho são fruto de produções feitas em processo psicoterápico de orientação psicanalítica com crianças de idades entre 6 e 8 anos de idade, de diferentes classes sociais, com demandas e queixas diversas. No entanto, foi possível observar que as queixas mais frequentes apareceram em virtude de encaminhamentos da escola da criança ou por preocupações de seus pais ou responsáveis no âmbito da “adequação social”. A partir disso, as categorias elencadas serão discutidas com maior profundidade em seguida.

Partindo da compreensão de que a produção gráfica da criança envolve tanto o seu mundo real como a sua realidade psíquica (o imaginário; a fantasia), entende-se que, quando a

criança brinca ou desenha, ela representa, de alguma forma, o mundo que observa, os personagens reais, como eles se relacionam, e também representa como ela apreende o mundo, manifestando-se simbolicamente. A seguir serão apresentados os cinco casos constantes em cada prontuário escolhido para essa pesquisa.

Prontuário 1- Ana (“Eu prefiro ser fofinha, ora.”)

Para dar início às análises, será apresentado o caso de Ana, de seis anos de idade. Ana iniciou o processo de acompanhamento psicoterápico no segundo semestre do ano de 2022, por meio de encaminhamento da escola, devido à manifestação de comportamentos agressivos com os colegas e as professoras. Ainda no semestre atual, essas queixas continuaram a comparecer. Ana desenha com frequência em seus atendimentos e o que mais é investido de sua dedicação são representações de corações, como na figura 1.



Figura 1: Coração.

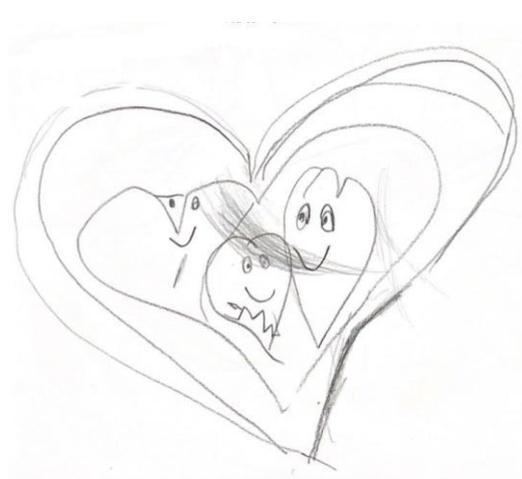


Figura 2: Três corações.

Ao desenhar o coração, Ana fez traços leves, adicionou olhos e outros corações dentro do principal, ao final pediu para colorir de vermelho e, como um toque final, rabiscou com força no centro um “x”. Algo parece apontar para um conflito nessa representação.

O prontuário de Ana fornece informações importantes. Ao tomar conhecimento do caso, entra-se em contato com uma realidade marcada pela presença em possíveis contextos de agressividade e violência. Por meio do relato de sua mãe, em uma das entrevistas preliminares realizadas, foi informado sobre a separação dos genitores em virtude do histórico de violências físicas e psicológicas vivenciadas pela mãe desde o período da gravidez de Ana por parte de seu ex-companheiro. A mãe relata que enfrentou várias dificuldades no decorrer da gestação e, conseqüentemente, em seu parto. Um fato que chama a atenção remete à fase da amamentação de Ana, quando, de acordo com o relato da mãe, a criança era, por vezes, retirada agressivamente de seu seio pelo pai, devido ao fato de o mesmo considerar e afirmar repetidas vezes que aquele ato era “nojento”.

Discorrendo ainda mais sobre o caso, alguns pontos importantes são manifestados atualmente, tal como sua maneira de se relacionar em seus ambientes de maior convívio, sendo eles a escola e a casa. Na escola, Ana costuma se mostrar agressiva com os colegas de turma e diz, em sessão, que odeia ser chamada de “gordinha” (sic) por eles; prefere quando é chamada de “fofinha” (sic). Em casa, sua mãe relata que seus hábitos alimentares estão ruins e Ana tem comido bastante, sendo necessário que a comida seja retirada da mesa frequentemente e ela precise dizer que “chega”. A responsável conta que percebeu essa relação de Ana com a comida a partir dos dois anos de idade e, desde então, não tem percebido melhora.

Ainda no início do processo, uma questão importante foi levantada. Destaca-se aqui uma expressão de irritação por parte da responsável, ao falar sobre uma dificuldade que enfrenta com a filha ao pontuar que Ana, recorrentemente, adota uma postura mais infantil direcionada a ela, ao fazer voz de bebê e solicitar o colo e o seio, sendo, dessa forma, negada quanto à solicitação. Ao final, sabe-se que Ana não aceita fazer contato com o pai, por meio de ligações telefônicas, tendo em vista que, atualmente, este reside em outro Estado. Um outro

desenho de Ana, no entanto, é realizado a partir da representação de sua família, como ela afirma (Figura 2).

Prontuário 2- Matheus (“Vamos de pique-esconde?”)

Matheus é uma criança de seis anos de idade que reside atualmente com sua mãe. O prontuário de Matheus traz um ponto interessante para a análise, a necessidade e a solicitação frequente da proximidade com sua mãe. Na entrevista preliminar realizada com a responsável foi relatado que a criança tem apresentado medo acentuado de ficar sozinha em qualquer cômodo da casa. A mãe disse ter identificado esse novo comportamento de maneira mais expressiva após a volta de Matheus de suas férias no interior.

De acordo com a mãe, Matheus não demonstra interesse em estabelecer contato com o pai, não aceitando ficar sozinho com ele quando vai visitá-lo. A mãe diz não compreender tal comportamento. Vale pontuar que, numa das sessões realizadas com a criança, Matheus afirmou, por meio de uma brincadeira proposta, que seu pai era o seu parceiro (Figura 3).

Algo chama atenção numa proposta frequente de Matheus em seus atendimentos, a realização da brincadeira de pique-esconde, sendo essa a brincadeira de seu maior interesse. Geralmente, ao finalizar este brincar, a criança solicitava papéis e lápis para desenhar, mas não respondia sobre o que se tratavam seus desenhos e solicitava, então, o silêncio por parte da terapeuta. Quando concluía suas atividades de desenho, solicitava novamente o pique-esconde.

Matheus, em uma das sessões, chegou a afirmar que sentia falta do seu pai, mas sentia que havia muita distância entre eles. Em dado momento do processo de atendimento da criança, a mãe solicitou uma conversa breve com a terapeuta para informar sobre a possibilidade de sua mudança para outro Estado, em virtude de ter recebido uma nova oportunidade de emprego; no entanto, Matheus não a acompanharia nesse momento e ficaria sob os cuidados da avó

materna. Matheus desenha sua família uma única vez, como na figura 4, e relata objetivamente que os personagens são a mãe, a avó e ele.



Figura 3. Dois parceiros.

Figura 4. Família.

Prontuário 3- João (“Eu sou bagunceiro, barulhento e brigão”)

João tem sete anos de idade e mora atualmente com a mãe e a irmã de onze anos. Deu início ao processo de psicoterapia em razão da preocupação dos pais em relação a seus comportamentos agressivos tanto na escola quanto em casa. João recebe recorrentes advertências na escola e, ao ser perguntado sobre, diz que é porque é muito “bagunceiro”, “barulhento” e “brigão” (sic). Sua mãe disse que em casa é comum precisar aplicar castigos em João, dessa forma ela decide por retirar o acesso aos celulares e privar a descida de João para brincar na área comum do condomínio onde moram. Relatou que, recentemente, a criança atirou pedras na janela de um vizinho e rabiscou a porta de entrada, gerando prejuízos a ela.

Os pais de João estão separados já há algum tempo e a mãe informa que é frequentemente chamada na escola para receber devolutivas a respeito do comportamento do filho e afirma receber queixas da diretora da escola a respeito da ausência dos pais na rotina de João. A criança fala com tranquilidade sobre as queixas que ouve a seu respeito e, em momento

algum, chega a negá-las nas sessões lúdicas. A respeito de seus interesses pessoais, João disse que gosta muito de jogar bola, de desenhar e de nadar na piscina do prédio.

O prontuário de João mostra alguns desdobramentos importantes. Conforme mencionado anteriormente, os genitores de João são separados e o pai da criança reside atualmente num hotel, onde divide o quarto com o seu atual parceiro de relacionamento. Por escolha do pai, João não tem conhecimento sobre essa realidade por acreditar que o filho seja muito novo para compreender e por ter receio de influenciar João nesse mesmo sentido. Os pais de João enfrentam diversos conflitos em virtude de seus diferentes entendimentos acerca do encaminhamento dessa situação. João desenha sua família, como ilustrado na figura 5, e diz que no desenho aparecem ele e a irmã, enquanto os pais estão dentro da casa.



Figura 5: Casa e irmã.

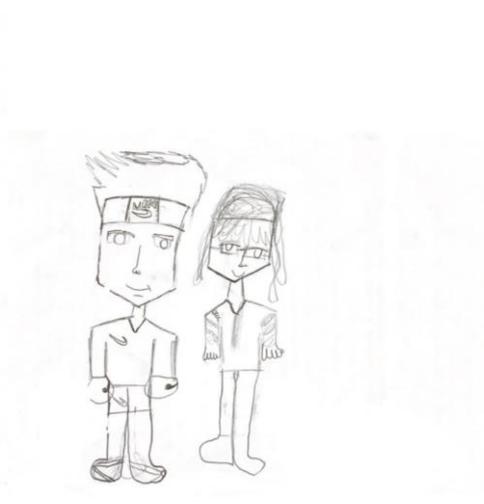


Figura 6: Terapeuta.

A relação transferencial que o paciente estabelece com a terapeuta levantou atenção neste caso. Em determinada sessão lúdica, João chegou a solicitar que a terapeuta retirasse a máscara do rosto para que ele pudesse vê-la e desenhá-la ao seu lado. O desenho em si foi investido de muita dedicação e João fez questão de enfatizar ter desenhado os sapatos no boneco que o representava e, na figura da terapeuta, ressaltou que havia desenhado a quantidade correta de dedos em cada uma das mãos, conforme se observa na figura 6.

Prontuário 4- Eduardo (“Lula ou Bolsonaro?”)

Eduardo é uma criança de oito anos de idade que reside atualmente com os pais e o irmão. O processo de psicoterapia foi iniciado por Eduardo ainda no ano de 2021 e foi motivado pela preocupação dos pais em relação aos seus comportamentos ansiosos, agressivos e pela sua falta de atenção nas atividades propostas. A mãe de Eduardo afirmava ter certeza de que o filho apresentava Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), já o pai acreditava ser aquela apenas uma fase.

Existem, de acordo com os pais, muitos conflitos relacionados ao relacionamento deles, uma vez que se separam com frequência e acreditam que, também por isso, Eduardo seja bastante afetado. Em uma das sessões lúdicas, a criança chega a afirmar que sente medo de seu pai ir embora de casa. A mãe chega a relatar à terapeuta que Eduardo não costuma obedecê-la e o pai diz que acredita ser mais respeitado nesse quesito.

Durante as sessões com Eduardo foi possível observar os comportamentos apontados pelos pais e, em uma sessão específica, surgiu um recorte interessante. Enquanto falava com a terapeuta, Eduardo levantou uma questão que pareceu importante para ele e disse “em quem você votou? Lula ou Bolsonaro?” (sic). Diante disso, ao não receber uma resposta da terapeuta para tal pergunta, se mostrou extremamente agitado e agressivo, chegando a rasgar os lenços de papel do consultório e lançá-los em direção à terapeuta.

A despeito das produções gráficas realizadas por Eduardo, houve poucas contribuições, uma vez que ele diz não gostar de desenhar porque não sabe bem. No entanto, em determinado atendimento, Eduardo se interessou em desenhar uma casa em uma espécie de competição com a terapeuta, por quem realizaria a casa mais realista. Ao final, disse que a dele era a melhor, afinal, “tinha sombreado no chão” (sic), tal como na figura 7.

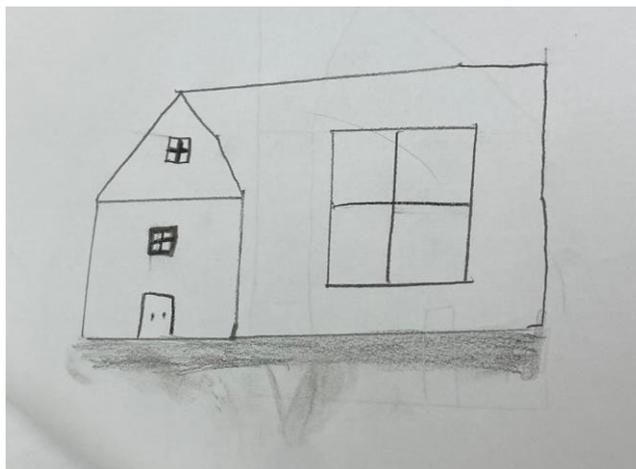


Figura 7: Casa com chão sombreado.

Prontuário 5- Lucas (“Cai pela janela”)

Lucas é um garoto de 8 anos de idade e reside com os pais e dois irmãos mais velhos. Lucas deu início ao processo de psicoterapia no CENFOR há mais de um ano, motivado por queixas de seus pais sobre sua desobediência, agressividade, comportamentos inadequados em relação à sexualidade e uma ansiedade exacerbada, com acompanhamento de episódios de gagueira.

Durante as sessões realizadas, Lucas mostrou uma postura muito desafiadora em diversos momentos, burlando regras dos jogos propostos, fazendo bagunça na sala do consultório, falando alto e, por diversas vezes, jogando objetos pela janela. Além disso, um ponto de atenção no caso de Lucas diz respeito à exploração de conteúdos sexuais, representações de pênis em desenhos, gemidos emitidos durante as sessões e relatos de canais de disponibilização destes conteúdos que foram apresentados a ele no âmbito domiciliar (figura 8).

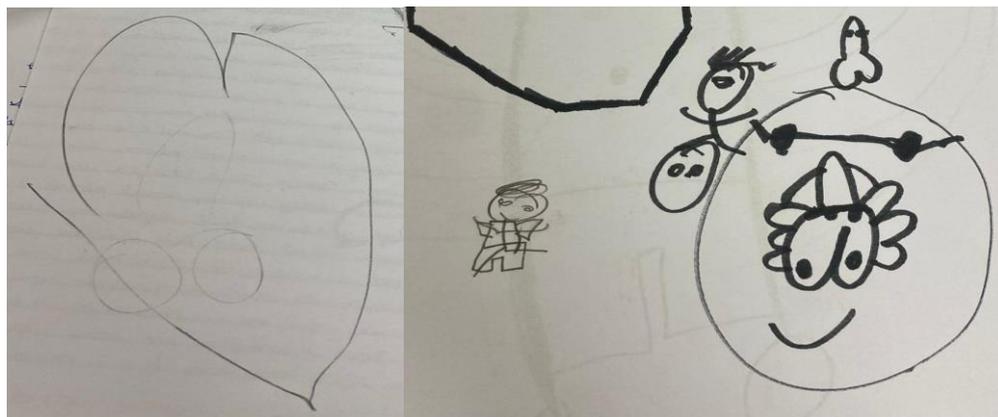


Figura 8: Coração para mãe. Figura 9: Desenhos dos vídeos.

Sabe-se que os pais de Lucas apresentaram muita preocupação com os comportamentos que foram sendo apresentados e relataram estarem ficando doentes devido ao trabalho que têm enfrentado por conta do filho. A mãe de Lucas afirmou se estressar muito com ele, o que acaba deixando-a muito mal após. Lucas afirma, em sessão lúdica, que a mãe fica “muito triste com as artes dele” (sic), mas sabe que ela faz de tudo por ele. Chegou a pedir para desenhar um presente para a mãe e assim o fez (figura 10), disse que o desenho só demonstra o tanto que ele a ama.

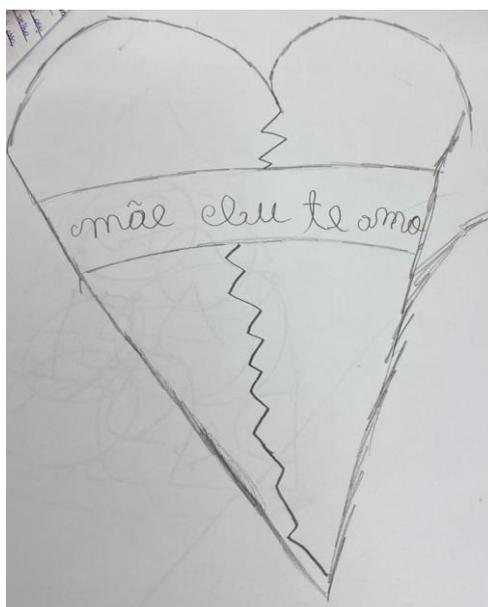


Figura 10: Coração de amor.

Diante das informações oferecidas pelas análises minuciosas dos respectivos prontuários e os desenhos deles extraídos, foram selecionadas categorias que reúnem os principais temas presentes nos conteúdos obtidos.

Vínculos afetivos e agressividade

No processo de desenvolvimento do ser humano, a infância é considerada uma etapa significativa da vida. Dessa forma, observam-se, no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, alguns fatores de risco que podem acarretar prejuízos a esse desenvolvimento. De acordo com Reppold (2002), existem alguns fatores de risco, tais como eventos estressantes da vida, sendo os mesmos quaisquer mudanças no ambiente que podem, normalmente, induzir a um grau de tensão elevado, interferindo, dessa maneira, nos padrões normais de resposta do indivíduo e, porventura, se associando a uma variedade de distúrbios físicos e mentais. Ainda assim, de acordo com estudos de Maldonado e Williams (2005), os dados de pesquisas apontam para uma relação entre violência doméstica e comportamento agressivo.

Sabe-se que, na sociedade contemporânea, a escola tem sido introduzida na realidade cotidiana das crianças cada vez mais cedo e é nesse cenário que geralmente há uma tendência da manifestação mais frequente dos desejos, medos, inseguranças, sejam eles conscientes ou inconscientes, por parte desses indivíduos. O prontuário 1 permite retratar algo nesse sentido.

Como anteriormente exposto, no caso de Ana, é por meio da escola que se desperta um alarme para seus comportamentos e, conseqüentemente, para a resolução destes. Sabe-se que Ana esteve presente em contextos de violência e agressão, como foi relatado à terapeuta pela mãe. Dessa forma, levanta-se atenção para alguns pontos importantes, sendo eles: o enfrentamento, que aqui se apresenta de maneira agressiva, frente aos comentários de seus colegas a respeito de sua aparência, uma relação disfuncional com a alimentação e a adoção de

uma postura mais infantil em direção à mãe, solicitando o colo e o seio. Ressalta-se ainda um ponto, a afirmativa de nojo de seu genitor sobre o ato de mamar.

Nesse caminho, faz-se valer a pontuação de Winnicott (1975) sobre o processo de “Ilusão-desilusão”, ao afirmar que não existe a menor possibilidade de um bebê passar diretamente do princípio do prazer para o princípio da realidade, a menos que se tenha uma mãe suficientemente boa, sendo essa a pessoa que passa por uma adaptação ativa em relação às necessidades do bebê, a qual, entretanto, diminui gradativamente, conforme o bebê é capaz de encarar a falta de adaptação e de tolerar os resultados da frustração, ou seja, é preciso existir um crescente senso de processo. Dessa forma, um bebê em certo ambiente fornecido pela mãe concebe a ideia de algo capaz de saciar a crescente necessidade surgida de uma tensão instintiva e, normalmente, lhe é oferecido o seio. Portanto, de acordo com a adaptação da mãe às necessidades do bebê, é possível conceber ao bebê a ilusão da existência de uma realidade externa que caminha em encontro com a sua própria capacidade criativa.

No entanto, aparece em relevo a tarefa da mãe, além de fornecer a oportunidade de ilusão, a de apresentar a desilusão. Em outras palavras, se tudo correr bem no processo gradual de desilusão, o cenário está formado para a frustração que se reúne no que entendemos por “desmame”. Diante disso, Winnicott (1975) bem pontua: “se a ilusão-desilusão foge do caminho esperado, o bebê é incapaz de chegar a algo tão normal quanto o desmame, de modo que seria absurdo chamar isso de desmame. A simples interrupção do aleitamento materno não representa um desmame.” (p. 32). Nesse quesito, é possível estabelecer relação com o que comparece no caso de Ana.

Os desenhos realizados por Ana também trazem contribuições, sendo possível notar a presença de traços mais fortes em ambas as figuras, podendo demonstrar conflito, medo ou agressividade. Ana ainda parece revelar algo sobre a organização de sua família ao representar, tal como na figura 2, proximidade com a mãe e uma certa ruptura com o pai, como ilustrado

pela linha que atravessa no desenho. Os corações de Ana parecem anunciar algo importante, pois batem no peito.

Angústia e separação

Sabe-se da importância dada à primeira infância pela psicanálise, principalmente no quesito da noção de constituição do sujeito a partir de uma relação com o Outro. Dessa forma, desde Freud, entende-se que a constituição psíquica da criança é constituída pelo investimento narcísico dos pais. No entanto, ao pontuar sobre a questão do desamparo, Winnicott (1975) ressalta que este só pode ocorrer como um efeito de uma ruptura na continuidade dos cuidados parentais. O caso de Matheus permite o estabelecimento de uma relação com o possível e breve afastamento de sua mãe e a consideração de desamparo anteposta. Sem dúvida, a separação da figura materna para crianças nesta idade, ainda incapazes de assimilar a realidade do que virá a acontecer, pode produzir efeitos traumáticos, desencadeando, possivelmente, uma série de medidas defensivas, com prejuízo da capacidade criativa da criança (Zornig, 2006).

Partindo dessa compreensão, pode-se pensar na brincadeira de Matheus como um tipo de autocura, o pique-esconde, frequentemente solicitado durante as sessões lúdicas. Essa permitia a ele encontrar aquilo que havia se escondido. Dessa forma, como bem afirma Winnicott (1975), a brincadeira é extremamente excitante, sendo o ato de brincar, na realidade, a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais.

Matheus solicita recorrentemente a proximidade com sua mãe e, de alguma forma, quando desenha, apresenta um certo distanciamento entre os personagens que ilustra, algo ambivalente se apresenta, tal como na figura 4, o paciente usa traços leves, desenha uma nuvem que colore da cor preta e adiciona detalhes pretos nas cabeças dos personagens e, na figura que

o representa, existem mais desses detalhes, podendo demonstrar dessa forma certo temor na formação ou dissolução dessa família.

Aqui cabe sublinhar as solicitações de silêncio à terapeuta, enquanto os desenhos são realizados e, conforme afirma Jerusalinsky (2009), embora o brincar, ou o desenhar como aqui, nem sempre seja ocultado, não significa dizer que o objetivo seja o de ser mostrado ao Outro. Pois se é a partir do brincar que a criança insiste em operar no jogo da separação, como toma-se entendimento aqui, pode parecer-lhe perturbador ser notada por um adulto (Jerusalinsky, 2009).

Ambiente e autoridade

Winnicott, ainda em 1940, se preocupou com a investigação dos efeitos da separação precoce da criança de sua mãe e de seu ambiente familiar, levando em conta o fator ambiental. Dessa forma, seus estudos sobre o que veio a chamar de tendência antissocial se orientaram por meio da tese de uma deficiência ou falha ambiental que seriam a origem para tal distúrbio. Winnicott chegou a pontuar que a deficiência ambiental poderia causar tanto uma “privação” como, no entanto, uma “deprivação” e isso se distinguiria pelo estabelecimento ou não do eu unitário (Claudia Rosa, 2017). Nesse sentido, no que diz respeito a esta discussão, o entendimento sobre o termo de privação torna-se importante e, com isso, vale o que Winnicott (1975) diz:

“a perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até certa data, e que foi retirado; a retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pôde manter viva a lembrança da experiência.” (p.139).

A partir desse entendimento, as primeiras manifestações de tendência antissocial podem ser a enurese, a avidez, o roubo, a mentira e a destrutividade. Diante disso, o problema se encontra no não reconhecimento por parte dos pais desses sinais como uma maneira de manifestação de existência da criança e, por consequência, a não correção em tempo hábil,

possibilitando então que um padrão de falhas possa se estabelecer na relação da criança com seus familiares e outros. Diante dessa visão, os sintomas são a constituição do fracasso da comunicação da criança, no seu anseio de ser compreendida e de ter reconhecido seu sentimento de perda (Rosa, 2017).

A despeito das contribuições extraídas dos prontuários aqui analisados, dois casos parecem estabelecer relação com o que Winnicott propõe sobre a tendência antissocial. Primeiramente, João. Como dito anteriormente, João se reconhece por três adjetivos e os apresenta em sessão, sendo “bagunceiro”, “barulhento” e “brigão”. Diante do que foi relatado pela mãe da criança, a separação dos pais foi uma questão para a família e, atualmente, eles enfrentam dificuldades no sentido de encontrar uma forma para lidar com a realidade do novo relacionamento do pai de João, tendo optado por não explicarem a João a nova configuração.

Diante disso, em seus desenhos João diz algo. A figura 5 é a representação de sua casa e, como dito, os personagens representados são ele e a irmã mais velha, já os pais se encontram dentro da casa. Pode-se notar com isso uma certa dificuldade/complexidade em assimilar a dissolução da família que ele ilustrou graficamente, sendo a sua irmã a única que permanece ao seu lado verdadeiramente. Ainda assim, o grafismo de João se utilizou de traços mais fortes, da representação de janelas com grades e uma árvore de tronco destacado, apontando para características como a insegurança, agressividade e desejo de proteção. Já a figura 6 parece representar o encontro, num espaço potencial e seguro, com um Outro que o reconhece e o compreende, tal como é percebido pelo investimento que o desenho recebeu em termos de detalhes nos personagens.

No caso de Eduardo algo semelhante comparece, a questão da teimosia e agressividade é bem pontuada. Tal como no caso de João, a relação dos pais de Eduardo é conflituosa e, como bem afirma a mãe da criança, ela acredita que este é um dos fatores que afetam o filho. Em uma das sessões, Eduardo pareceu requisitar com muita insistência a posição política de sua

terapeuta, tal como se fosse importante saber se ela ocupava um lugar ao lado do seu e então, suas suposições poderiam fazer mais sentido. É possível estabelecer relação com o que diz Winnicott (1975) sobre a adoção de uma postura combativa e agressiva como uma estratégia de defesa contra o medo da aflição intolerável provocada pela perda, ou como na situação anteriormente exposta, o distanciamento de sua terapeuta.

Em seu desenho, figura 7, Eduardo desenha uma casa e não diz que é sua, é apenas uma casa, com sombreado no chão. Na casa existem três janelas com grades bem marcadas com traços fortes e uma porta pequena em relação ao restante do desenho, indicando para uma relutância em estabelecer contato com o ambiente e receio no estabelecimento de relações com outras pessoas.

Diante disso, é possível notar que a agitação e a pressão que as crianças apresentam são tais como um sinal de alerta, com o qual solicitam ao meio que perceba o que houve ou está havendo e dessa forma se reorganize. Winnicott (1975) afirma:

“O comportamento antissocial pertence a um momento de esperança numa criança que está, sob outros aspectos, sem esperanças. No ponto de origem da tendência antissocial está uma privação, e o ato antissocial visa a corrigir o efeito da privação, negando-a.” (p. 296).

A expressão da sexualidade infantil

Em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud expõe que a sexualidade tem seu início na infância precoce e se desenvolve em fases sucessivas até chegar na vida adulta. Dessa maneira, estabelece a organização da libido em quatro fases do desenvolvimento psicosssexual, sendo elas: fase oral, fase anal, fase fálica e, por fim, fase genital.

A partir da análise dos conteúdos representados nos desenhos do prontuário 5, é possível notar que Lucas enfatiza a questão de representação do órgão genital masculino (figura 9), tal como é comum na vivência da fase fálica. Essa fase é marcada pela descoberta dos

órgãos sexuais e, dessa forma, pelo reconhecimento das diferenças genitais, e é também o momento onde se encontra prazer na manipulação das genitálias (Freud, 1905, p. 123). Diante disso, Lucas parece reforçar a evidência dessa descoberta durante suas sessões, ao relatar os conteúdos que vem explorando.

Destaca-se outra importante pontuação, a da vivência do complexo de Édipo nessa fase. Em suma, é o momento em que, com referência à fase oral, a criança tem a mãe como o seu primeiro objeto sexual e, diante da vivência da fase fálica, onde se reconhece o órgão genital e o prazer nele contido, a criança elege a mãe como figura mais próxima em sua fantasia. Já em relação à figura do pai, se estabelece um afeto ambivalente, ao mesmo tempo em que existe a identificação, comparece um desejo de livrar-se do pai, no intuito de ocupar o seu lugar junto à mãe. Aqui parece possível levantar uma hipótese acerca de algumas das manifestações de Lucas nas sessões, uma vez que foi evidente o comparecimento dessas apenas durante o atendimento realizado com uma terapeuta mulher, ao contrário de quando o processo foi conduzido por um terapeuta homem. Tal circunstância parece demonstrar, dessa maneira, certo tipo de transferência estabelecida com sua terapeuta.

Partindo dessas considerações, toma-se como exemplo a figura 8. Quando Lucas realizou esse desenho disse ter como objetivo presentear a mãe com o grafismo. Deu início, desenhando um coração e, logo em seguida, rapidamente e de forma travessa, contornou as linhas para representar um pênis. No entanto, ligeiramente apagou a última imagem e disse estar apenas brincando e que não iria entregar o desenho para a mãe dessa forma. Lucas pareceu, em diversos momentos, querer impressionar a mãe ou a terapeuta, na relação transferencial, ao noticiar a existência do falo.

A figura 10 parece caminhar num sentido semelhante. Lucas desenha um coração com traços bem marcados, com uma forma que ocupa quase a página por inteiro, com uma rachadura ao meio e a mensagem de amor à mãe. Seu desenho e seus relatos sugerem a

enunciação de um conflito nessa dinâmica, ao não se sentir reconhecido pela mãe no lugar que cogitou.

Considerações Finais

Este trabalho oportunizou um resgate acerca do histórico do interesse e do olhar da psicanálise para com o infantil, partindo das contribuições ofertadas por Freud, ao compreender que a infância seria o cenário para muitos dos transtornos vivenciados na idade adulta. A partir daí, a psicanálise de crianças foi sendo desenvolvida por novos teóricos, trazendo à luz as particularidades para o exercício de tal prática, evidenciando, enquanto método, a questão do brincar, do lúdico e do desenho.

Seguindo a mesma lógica, foram desenvolvidas concepções mais profundas sobre o brincar na psicanálise infantil, uma vez que se toma a brincadeira como uma das principais formas de expressão da criança, trazendo como referência os estudos de Winnicott (1975). Ainda assim, entende-se que é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto tem liberdade para ser criativo (p. 91).

Diante disso, a partir da constatação da profundidade que o ato criativo de desenhar apresenta, foram discutidas reflexões sobre esse método projetivo, pela perspectiva da psicanálise, ao se entender que a criança, enquanto desenha, desenha, de certo modo, uma projeção de si mesma e necessita de um meio que não seja apenas o da palavra. Ademais, foi destacado o uso das técnicas projetivas no campo da psicologia, na realidade clínica contemporânea.

Os resultados obtidos neste estudo demonstram que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Haja vista o objetivo principal desta pesquisa, que consistiu em investigar, a partir do aporte teórico psicanalítico, como as produções de desenhos, realizadas em processo psicoterápico de crianças, poderiam ser meios possibilitadores da compreensão acerca da realidade psíquica desses indivíduos. Isso foi verificado por meio das diversas contribuições extraídas dos desenhos e em consonância com o relato sobre os mesmos, uma vez que as

ilustrações abarcam não só o pensamento manifesto da criança, mas também algo do que tange ao seu conteúdo latente inconsciente.

Por fim, este estudo é um convite ao pensar o uso do desenho para além dos diagnósticos e manuais de testes, como índice revelador dos tempos de constituição da criança, mostrando traço a traço, os tempos que não são elaborados e a posição em que a criança está diante do Outro (Flesler, 2012). Dessa forma, torna-se relevante a continuidade de mais pesquisas dentro dessa temática.

Referências

- ABERASTURY, A. A criança e seus jogos. 2 ed. – Porto Alegre: Artmed, 1992.
- ABRÃO, J. L. F. As origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. *Psicologia em Estudo*, v. 14. 2009.
- ANZIEU, A., PREMMENEUR, C. A., DAYMAS, S. Le jeu em psychothérapie del l'enfant. Paris: Dund. 1996.
- AVELLAR, L. Z. Jogando na Análise de Crianças: Intervir-Interpretar na Abordagem Winnicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BARDIN. Análise de Conteúdo. Edições 70, 1ª edição Revista e Atualizada. 1977.
- COMERLATO, L. P. O resto é silêncio? sobre as possibilidades do trabalho clínico com o desenho. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018.
- DEAKIN, K. & NUNES, T. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. 2008.
- DOLTO, F. Rapport sur l'interprétation psychanalytique des dessins au cours des traitements psychothérapiques. *Revue Psyché*, n. 17. 1948.
- DOLTO, F & J. Nasio. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar. 1995.
- FLESLER, A. A psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Rio de Janeiro: Zahar. 2012.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. Imago: Rio de Janeiro. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1920.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Imago: Rio de Janeiro. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1920.

GIRARDI, C. A. Desenho como resígnio: reflexões. *Junguiana: Revista latino-americana da sociedade brasileira de psicologia analítica*, São Paulo, v. 32, n. 2, 2014.

JERUSALINSKY, J. A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo. Repositório PUC-SP. 2009.

KERN, M. G. & STÜMER, A. Crianças e adolescentes em psicoterapia. A abordagem psicanalítica. Artmed, 1º edição. 2017.

LEDOUX, M. H. Introdução a Obra de Françoise Dolto: A Vida de Françoise. 1995.

LEITE, A. M. P. A importância do lúdico no desenvolvimento infantil. 2011. Disponível em: www.conedu.com.br, acesso em 06 maio. 2023.

LÉVI-STRAUSS. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: UBU. 2017.

MALDONADO, D. P. A., & Williams, L. C. A. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*. 2005.

MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: HUCITEC. 2007.

MIRANDA, N. 600 anos de perspectiva rigorosa: breve história do Desenho. 2012. Disponível <https://sites.google.com/site/perspetiva600/historia-do-desenho-e-da-perspetiva>. [Consultado em 06/05/2023].

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: LTC. 1990.

REGHELIN, M. M. O uso da caixa de brinquedos na clínica psicanalítica de crianças. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, n. 8, 2008.

REPPOLD, C. T. *Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

- RODULFO, M. El Niño del Dibujo: Estudio Psicoanalítico del Grafismo y sus Funciones em la Construcción Temprana Del Cuerpo. Buenos Aires: Paídos. 2006
- ROSA, C. D. O pai e a tendência antissocial: considerações a partir da psicanálise de Winnicott. Revista Natureza Humana, São Paulo. 2017.
- SACRAMENTO, L.V. O desenho como símbolo: uma revisão da expressão gráfica pela ótica da Psicologia Analítica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018.
- SAINT-EXUPÉRY, A. O pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir. 2015.
- TOLEDO, F. O. Fantasma e Fantasia: Operadores Clínicos para a Investigação Psicanalítica no Desenho Infantil. Universidade Fernando Pessoa. 2019.
- TURATO, E. Introduction to the clinical-qualitative research methodology: definition and main characteristics. Revista Portug Psicossomática [Portug J Psychosomatics]. 2005.
- WINNICOTT, D. (1975). O brincar e a realidade. coleção psicologia psicanalítica. Imago (Obra originalmente publicada em 1971).
- ZIMERMAN, D. E. Manual de Técnica Psicanalítica: uma revisão. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ZORNING, S.A. & LEVY, L. Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. Estilos da Clínica, Rio de Janeiro. 2006.

Anexos**Anexo 1*****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsáveis Legais – TCLE***

(Modelo assinado pelos responsáveis legais de crianças em atendimento psicoterápico no Centro de Formação de Psicólogos do CEUB - CENFOR, arquivado em prontuários psicológicos)

**A REALIDADE PSÍQUICA DA CRIANÇA NAS PRODUÇÕES DE DESENHOS EM
PROCESSO PSICOTERÁPICO INFANTIL**

Instituição do (as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisadora responsável: Professora Orientadora - Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisadora assistente: Lara Monteiro Galvão – aluna do nono semestre de graduação.

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília - CEUB

Endereço: SEPN 707/907 Bloco 9

Bairro: Asa Norte

CEP: 70790-075

Cidade: Brasília - DF

Telefones p/contato: (61) 3966-1201



TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro estar ciente que:

1. Serei atendido no processo de _____, que será conduzido por um aluno / estagiário formando do curso de Psicologia do CEUB, que será orientado por um professor devidamente qualificado e inscrito no CRP – Conselho Regional de Psicologia.
2. Os atendimentos poderão ser observados através de uma sala destinada a este fim, para que o estagiário possa ser orientado pelo professor – supervisor e para que outros alunos possam também aprender com o acompanhamento do caso.
3. De acordo com os objetivos do Projeto de Estágio, os atendimentos poderão ser filmados ou gravados, para fins de acompanhamento da evolução do caso e/ou pesquisa.
4. O estagiário guardará segredo (sigilo profissional) em relação ao que for tratado nas sessões, exceto na supervisão.
5. Nos casos em que o cliente for inscrito no CENFOR por Instituições/ Empresas, o professor–supervisor poderá encaminhar laudos psicológicos a um outro profissional da mesma área, a critério da Instituição / Empresa e / ou a critério do próprio CENFOR.
6. Os casos atendidos no CENFOR, para serem divulgados publicamente, seja como relatório, artigo, monografia ou em simpósios, congressos, etc., deverão submeter-se à aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____.

Nome do Cliente: _____

Assinatura do Cliente

Aluno

Professor Orientador

Anexo 2 - Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura

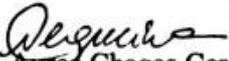
Centro Universitário de Brasília –

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura

Eu, **Aurea Chagas Cerqueira**, responsável pela pesquisa, **“O MUNDO PSÍQUICO DA CRIANÇA NAS PRODUÇÕES DE DESENHOS EM PROCESSO PSICOTERÁPICO INFANTIL”**, juntamente com a aluna **Lara Monteiro Galvão** (pesquisadora assistente), solicitamos autorização para desenvolvê-la nesta instituição, no período de **01/08/2023 a 31/10/2023**. O estudo tem como objetivo investigar, com base nas concepções teóricas da psicanálise, como as produções de desenhos realizadas em atendimento psicoterápico de crianças podem ser meios possibilitadores da compreensão do mundo psíquico desses indivíduos. O estudo será realizado por meio dos seguintes procedimentos: a pesquisadora assistente irá, numa primeira etapa, em conjunto com a pesquisadora responsável, analisar as produções de desenhos de 20 prontuários de crianças, cujos TCLEs tenham sido devidamente assinados pelos respectivos responsáveis e que se encontram em atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica no CENFOR. Posteriormente, desses 20 prontuários, serão selecionados cinco, os quais contenham as produções mais compatíveis com os requisitos da temática deste estudo, especialmente aqueles com maior quantidade de desenhos e aqueles cujos desenhos permitam melhor possibilidade de análise mais aprofundada. Desta forma, serão analisados, sobretudo quanto aos aspectos de formas, cores, tamanhos, possíveis significações inconscientes e outros que possibilitem melhor compreensão do mundo psíquico da criança.

Declaramos que a pesquisa ocorrerá em consonância com as Resoluções CNS nº 466/2012, nº 510/2016 e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (CEP-UniCEUB).


Prof. Me. Aúrea Chagas Cerqueira

(61) 99986-2105/aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Pesquisadora responsável


Lara Monteiro Galvão

(61) 98553-9893/lara.monteiro@sempreceub.com

Pesquisadora assistente

Eu, **Izane Nogueira de Menezes**, Supervisora Geral de Estágio do CENFOR, venho por meio deste termo, informar que estou ciente e de acordo com a realização da pesquisa, em conformidade com o projeto ora apresentado, e que essa instituição dispõe de infraestrutura necessária para desenvolvê-la de acordo com as diretrizes e normas éticas.

Brasília-DF, 23 de junho de 2023.



Izane Nogueira de Menezes

Supervisora Geral de Estágio do CENFOR

Anexo 3

Parecer do CEP/CEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O MUNDO PSÍQUICO DA CRIANÇA NAS PRODUÇÕES DE DESENHOS EM PROCESSO PSICOTERÁPICO INFANTIL.

Pesquisador: AUREA CHAGAS CERQUEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70882623.3.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.235.291

Apresentação do Projeto:

As pesquisadoras apresentam o projeto com a seguinte visão:

"Partindo de uma abordagem qualitativa, e de aportes teóricos psicanalíticos, este trabalho visa analisar prontuários de crianças em atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica numa Clínica Escola de Psicologia, em Brasília-DF, com foco em suas produções gráficas (desenhos). Tem-se como finalidade que os resultados esperados deste estudo abarquem uma melhor compreensão da contribuição dos desenhos no atendimento clínico infantil, assim como dos desdobramentos sobre o mundo psíquico do indivíduo proporcionados por esse recurso técnico. Será utilizada a metodologia de Análise de conteúdo (Bardin, 1977) para a análise dos resultados."

Objetivo da Pesquisa:

As pesquisadoras definem os objetivos da pesquisa da seguinte forma:

Objetivo Primário:

Investigar, a partir do aporte teórico psicanalítico, como as produções de desenhos, realizadas em atendimento psicoterápico de crianças, podem ser meios possibilitadores da compreensão do mundo psíquico desses indivíduos.

Objetivo Secundário:

I. Compreender o uso de desenhos em processo de psicoterapia infantil, a partir da perspectiva psicanalítica;

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.235.291

II. Compreender o brincar como recurso terapêutico na prática da psicoterapia psicanalítica e sua relação com as produções de desenhos de crianças;

III. Estudar as produções gráficas realizadas em contexto de psicoterapia infantil como formas de acesso e compreensão aos conteúdos inconscientes da criança.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos da pesquisa são baixos, uma vez que as pesquisadoras irão analisar os desenhos já produzidos pelas crianças atendidas no CENFOR. Será feita uma análise diante do prontuário, atendendo ao TCLE já assinado pelos responsáveis. Assim, o CEP conclui que o risco da pesquisa é baixo e os benefícios estão diretamente ligados aos ganhos acadêmicos gerados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem estruturada diante das necessidades éticas. É necessário reforçar o que já foi apresentado quanto a confidencialidade dos desenhos. Como eles serão fotografados é de extrema importância que não sejam identificados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão de acordo com as condutas éticas. O TCLE do CENFOR contempla a possibilidade da análise do prontuário pelas pesquisadoras. O Termo de aceite institucional e de infraestrutura foi assinado e apresentado, assim como a folha de rosto.

Recomendações:

O CEP reforça a importância da não identificação dos desenhos ao serem fotografados para a pesquisa.

Ao final do estudo, os pesquisadores devem enviar o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação do projeto.

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais das Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto: A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.235.291

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco; II - desenvolver o projeto conforme delineado; III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 12ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB de 2023, em 21 de julho.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMAÇÕES BÁSICAS_DO_PROJETO_2169704.pdf	27/06/2023 23:47:05		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAnuencia_LARA.pdf	27/06/2023 23:46:48	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermodeAceite_LARAGALVAO.pdf	26/06/2023 19:43:26	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CENFORANEXO_LARAGALVAO.pdf	26/06/2023 19:42:47	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CENFOR_LARAGALVAO.pdf	26/06/2023 19:42:34	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodeMonografia_LARAGALVAO.pdf	26/06/2023 19:42:21	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.235.291

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 11 de Agosto de 2023

Assinado por:

**Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))**

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br